

A PEDAGOGIA DO TEATRO EM CONTRAPOSIÇÃO DA PRESENÇA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO DE BEBERIBE

Kaylane Ketyllen do Nascimento Oliveira¹

Cecília Egito de Souza²

Lílian Kelen Sousa Pinto³

Resumo: O presente artigo traz um relato de experiência advinda da vivência do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) Teatro na Escola de Referência em Ensino Médio de Beberibe (EREMB), tendo com foco a investigação acerca das contribuições da Pedagogia do Teatro na identificação das variadas situações de violência no ambiente escolar bem como na possibilidade desta pedagogia ser fator determinante para a mudança destas situações. Ingrid Koudela, Miriam Abramovay e Paulo Freire compuseram o referencial teórico utilizado na presente pesquisa em andamento. Sendo de caráter qualitativo, utiliza a metodologia da pesquisa-ação, com grupo focal 40 estudantes da 2.^a série do Ensino Médio da referida unidade escolar. Os resultados não foram conclusivos, obtendo de maneira efetiva até o presente momento o engajamento e comprometimento dos estudantes nas práticas e discussões propostas, almejando-se, no futuro, produzir reflexão e discussões coletivas acerca de situações de violência na sociedade, a partir da linguagem teatral, de maneira mais objetiva e aprofundada.

Palavras-chave: Educação, Violência nas escolas públicas, juventude, Pedagogia do Teatro.

Introdução

Apresentamos um relato de experiência a partir dos processos vivenciados em sala de aula pelas bolsistas do PIBID/Teatro na Escola de Referência em Ensino Médio de Beberibe junto à turma do 2 Ano C. Tendo em vista que o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) almeja oportunizar aos docentes de formação em Teatro uma atuação autônoma dentro de uma sala de aula, com base na observação e interação com a turma, O objetivo do relato de experiência é desenvolver abordagens metodológicas da pedagogia do teatro que atuem como oposição à violência na escola pública. Isto se fundamenta a partir da observação das aulas realizadas no período de março a setembro e o quão expressiva, e igualmente normalizada, é a violência no contexto educacional público em todas as mais variadas esferas, seja estudantes

¹Licencianda do curso de Licenciatura em Teatro da UFPE, bolsista do programa PIBID Teatro; kaylane.ketyllen@ufpe.br;

² Licencianda do curso de Licenciatura em Teatro da UFPE, bolsista do programa PIBID Teatro; cecilia.egito@ufpe.br

³Mestra em Ensino da Arte pelo programa PROFarte, da UFPE, professora da Secretaria Estadual de Ensino; lilianpintoprofarte@gmail.com;

com estudantes, estudantes com professores, diretores, coordenadores ou demais funcionários, ou seja, toda a dinâmica que abarca o universo escolar. Essas dinâmicas, por sua vez, servem para medir e qualificar o que pode ser compreendido por clima escolar. Ele se refere a tudo aquilo que é captado através das sensações individuais e de um grupo, com base em suas relações, condutas e experiências que trocam no cotidiano (Ortega, Del Rey, 2014). O clima escolar pode ser positivo ou negativo, afetando diretamente os indivíduos que permeiam aquele ambiente. Neste contexto, não seria equivocado afirmar que uma grande parcela das escolas públicas apresentam climas escolar negativos, uma vez que, de acordo com o boletim técnico “Escola que Protege: Dados sobre Violência nas Escolas”, produzido em dezembro de 2024 pelo Ministério da Educação em conjunto com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, relata que apenas em 2023, foram registradas 13.117 vítimas de violência interpessoal, de um sujeito com outro, nas escolas em todo o Brasil.

O referencial teórico para guiar e auxiliar teoricamente a pesquisa no campo da violência na escola, conta com o aporte fundamental da autora Miriam Abramovay . Socióloga e doutora em Ciências da Educação pela Université Lumière Lyon, na França, ela é um dos principais nomes quando se trata da temática, com uma pesquisa contínua que perpassa as últimas duas décadas, tendo escrito vários livros e artigos sobre juventude, convivência escolar e violência nas escolas, especialmente no contexto da educação e do ensino público brasileiro. Segundo ela:

Na verdade, se pode afirmar que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um local que reproduz as violências que acontecem na nossa sociedade, em nível macro e ao mesmo tempo, devido as suas especificidades como instituição, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências. (ABRAMOVAY, p. 31, 2006)

Abramovay enxerga a escola como um espaço recorrente de violências, que não só é uma vítima delas, numa perspectiva da instituição enquanto reflexo da sociedade por meio dos sujeitos que a compõe, mas também como gerador e multiplicador dessas violências, que dentre vários fatores, a não existência de um currículo ativo e projetos que tratem sobre opressões e priorize o bem estar dos estudantes, cerceia a escola com sentimento de insegurança, medo e vulnerabilidade, invisibilizando os jovens que, acima de tudo, também são vítimas, relegados a um local que ao invés de os acolher o estigmatiza e violenta.

A professora e pesquisadora Ingrid Koudela⁴ que também compõe parte importante do referencial teórico desta pesquisa, nos mostra um extenso trabalho no campo da Pedagogia do Teatro, tendo um papel fundamental na inserção e no reconhecimento do teatro na escola no Brasil. Por fim, o último aporte teórico é o educador Paulo Freire, com sua perspectiva anti-hegemônica e libertadora da educação.

Ingrid Koudela e Almeida Júnior (2015), em uma reflexão aliando o pensamento de Paulo Freire com a Pedagogia do Teatro no seu livro *“Léxico da Pedagogia do Teatro”*, dizem que:

A relação que o teatro estabelece com o contexto histórico, sua delimitação no campo social e sua abertura para o campo estético levam assim a uma nova abordagem na qual a leitura da obra de arte fornece o material para a construção de uma pedagogia dialógica. (FREIRE apud KOUDELA; ALMEIDA JUNIOR, 2015, p.12).

A Pedagogia do Teatro propicia uma perspectiva única no campo da ensino-aprendizagem, estando intrinsecamente ligada ao presente e a realidade que perpassa os indivíduos que a vivenciam. Ela também oportuniza uma experiência estética, priorizando o vivenciar da prática pedagógica em detrimento de qualquer juízo de valor taxativo ou classificatório sobre seus participantes.

A pesquisa busca uma pedagogia dialógica junto aos estudantes pautada nas potencialidades da Pedagogia do Teatro, possuindo como enfoque discutir e problematizar a violência através de um viés artístico, trabalhando por meio de variadas abordagens metodológicas do teatro, preconizando um ambiente acolhedor e uma relação horizontal com os discentes por todo o processo.

No que diz respeito às abordagens metodológicas, pretende-se desenvolver um caminho pedagógico que mescla diferentes técnicas que abarcam a pedagogia do teatro em sala de aula, sendo elas principalmente os *Jogos Teatrais*, desenvolvidos pela atriz e professora Viola Spolin, o Teatro do Oprimido (TO) do diretor e dramaturgo Augusto Boal, bem como dinâmicas oriundas do universo da Palhaçaria.

A pesquisa não prima pelo conhecimento e aprofundamento teórico e prático nas técnicas em si mesmas, mas em como abordar e potencializar as discussões, bem como vivenciá-las corporal e expressivamente através delas e, conseqüentemente, por meio do fazer teatral. A diversificação de metodologias possui como objetivo descobrir de quais formas se pode disparar, nortear e

⁴ Ingrid Dormien Koudela é docente do Programa de Pós-Graduação em Artes da ECA/USP; coordenadora do Grupo de Trabalho em Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação da ABRACE; consultora do MEC na elaboração dos PCN - Teatro e autora de Jogos teatrais e Texto e jogo, entre outros.

abordar as temáticas junto aos discentes, do mesmo modo também descobrir de quais formas essas práticas reverberam nos alunos.

A prática teatral dentro dessa circunstância acima de tudo é democrática, preconizando atividades de realização e compreensão por todos os sujeitos participantes sem qualquer distinção.

0. Metodologia

O relato possui caráter qualitativo, uma vez que o projeto está no campo das humanidades e necessita de um olhar investigativo mais subjetivo, respondendo a questões muito particulares. O olhar qualitativo se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores e das atitudes. (MINAYO, P.21, 2009)

Nesse viés, o relato se pauta em analisar a realidade e interpretá-la de forma ativa, considerando os integrantes da pesquisa de maneira única, valorizando suas individualidades, sobretudo suas reações e atitudes no que se refere ao processo da pesquisa. Exige um olhar particular, que números e quantitativos generalizantes não seriam suficientes para abarcar a complexidade do contexto estudado.

O procedimento aplicado é a pesquisa-ação, sendo o campo empírico a Escola de Referência em Ensino Médio de Beberibe (EREMB), localizada na zona norte do Recife. Detendo ao todo 9 turmas formando os primeiros, segundos e terceiros anos, a pesquisa acontece especificamente com a turma do 2 Ano C composta por cerca de 40 alunos, em sua maioria do gênero masculino, com faixa etária em média entre os 15 à 17 anos.

Antes de dar partida ao passeio pelas experiências vivenciadas em sala de aula, se faz necessário explicitar que a pesquisa está sendo desenvolvida, mas, os acontecimentos aqui relatados são fundamentais para sua construção e já se mostram totalmente englobados na proposta.

Dito isto, nos primeiros encontros com os estudantes do 2 ano C as alunas bolsistas procuraram averiguar o quanto de contato com o Teatro eles possuíam, chegando a conclusão a partir das respostas que eram poucas experiências, seja enquanto espectadores ou atividades práticas que envolvessem diretamente a linguagem teatral. Um período de observação também foi realizado junto a turma, tendo auxiliado na determinação nos procedimentos pedagógicos a serem tomados no momento da regência das aulas. O perfil da classe se mostrou bastante alinhado para a realização de atividades corporais e energéticas, dessa forma, o planejamento inicial se baseou

em familiarizar os estudantes com o universo teatral a partir dos Jogos Teatrais de Viola Spolin⁵, investindo em dinâmicas que exploravam o trabalho coletivo, a criatividade e a expressividade já inerente aos corpos dos sujeitos, mas que diante da normatividade vigente não possuem canais que viabilizem esta expressividade.

Ao decorrer das aulas foram ficando evidentes as dinâmicas interpessoais dos discentes, explicitando fragilidades e fragmentação de grupos, além da explicitude das violências existentes nessas interações, geralmente em ofensas verbais de cunho homofóbico, por vezes gordofóbicos e também racistas, mas também de ações físicas violentas entre os meninos. Essas posturas, dadas que são realizadas em menor grau, se classificam no que Miriam Abramovay (2006) denomina “Microviolências” ou “Incivilidades” tão presentes no cotidiano escolar que são vistas com normalidade, mas que afetam negativamente a escola e as relações sociais entre alunos e profissionais.

Um episódio, através do teatro, que evidenciou essa banalização da violência na ótica dos estudantes foi a realização do jogo teatral “Isso não é uma garrafa”, que propõe a inserção de uma garrafa no centro do círculo formado pelos participantes do jogo, que por sua vez, devem ludicamente transformar aquele objeto em outro mediante sua escolha e aplicar-lhe uma nova funcionalidade correspondente à sua nova denominação. Ao decorrer da atividade se desencadeou uma série de objetos violentos como bombas, machados, facas e armas, seguindo com demonstrações encenadas de como os tais objetos seriam utilizados, como um estudante que aplicou a “faca” na barriga do colega que estava ao seu lado e por último um aluno que ao pegar a garrafa e transformá-la em uma arma se virou em direção a uma das bolsistas e “disparou”, voltando ao círculo logo em seguida.

Foi um momento evidentemente impactante para todos os presentes, especialmente para as bolsistas e a professora supervisora. Como modo de lidar com a situação, as docentes paralisaram momentaneamente com o jogo e iniciaram uma conversa com os alunos. Nessa discussão se primou por evidenciar que não existia pretensão de censurá-los de alguma forma, proibindo realizar X ou Y objeto, porém que um dos objetivos da atividade era a transformação do objeto mediante uma ação e que atitudes carregam significados. Foi posto em questionamento o motivo pelo qual eu transformo aquela garrafa em uma faca e o que faço com ela é simbolicamente atacar uma outra pessoa, ou disparar uma arma contra alguém. Solicitou-se que,

⁵ Viola Spolin é uma professora, diretora e autora teatral norte-americana criadora do sistema de jogos teatrais a partir do seu livro “Improvisação para o Teatro” sendo autora também de “Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin”.

quando o jogo retornasse, eles atribuísssem um caráter mais crítico à dimensão dos próximos objetos e as ações que lhes seriam empregadas. A aula prosseguiu com normalidade após isso, ficando um sentimento de que uma boa questão tinha sido levantada e tratada.

[...] a prática com o teatro na escola pode mobilizar os sujeitos envolvidos nesse processo, para o encontro com o (a) outro (a), onde trocas humanas ocorrerão pautadas no respeito e na solidariedade, onde os (as) professores (as) e os (as) alunos (as) assumem a responsabilidade do diálogo, para além do confronto de ideias, mas com um esforço subjetivo, de abertura pessoal, que é pressuposto para a construção do trabalho coletivo nessa linguagem. O teatro não existe sem a prontidão de todos (as) os (as) envolvidos (as) para vivenciá-lo. (SILVEIRA, 2009, p.03)

Sendo assim, está situação exemplifica bem também o poder do Teatro de desvelar através de simples propostas coisas que permeiam os sujeitos em camadas mais complexas, que mediante uma postura crítica mas também sensível, a capacidade de proporcionar uma reflexão oriunda da própria prática artística.

Nessa perspectiva, as abordagens pedagógicas se guiaram em expandir a experimentação dentro dos jogos teatrais e dramáticos, estimulando principalmente a improvisação, mas também que em promover um espaço confortável e acolhedor, pregando por um olhar mais empático e menos julgador entre os estudantes. Uma das práticas empregadas foi o “Jogo do Olhar”, muito utilizado na Palhaçaria no sentido de trabalhar o foco, mas até mesmo no senso comum os olhos são vistos como a “janela da alma”, e em um mundo tão individualista, olhar e de fato enxergar o outro é algo cada vez mais difícil. Ser visto é igualmente dificultoso, permitir que outra pessoa veja suas fragilidades.

Um dos causadores da violência social é justamente a invisibilização dos sujeitos, que acompanha preconceitos e discriminações. Essa invisibilidade ocorre por diversos fatores, comumente atingindo aqueles que possuem baixo poder aquisitivo, porém que se potencializa através de estigmatização por racismo, lgbtfobia, machismo entre outras tantas mais violências.

Luiz Eduardo Soares (2006) no boletim informativo “Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo” explicita que:

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo; tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. (SOARES, 2006, p.02)

O objetivo do emprego do jogo é oportunizar, mesmo que por alguns minutos, um momento para que aqueles alunos vejam uns aos outros, bem como deixem ser vistos, que relembrem que cotidianamente convivem e em meio a semelhanças e diferenças permanecem todos indiscutivelmente humanos.

Primeiramente, antes de já partir diretamente para a atividade do olhar, foi solicitado que os estudantes, em roda, dessem as costas uns aos outros e com a orientação das bolsistas, realizassem massagens leves nas costas, braços e cabeças do colega que estivessem na sua frente. Pretendia-se que também enxergassem o corpo como algo a se ver e tratar com cuidado, guiando a prática para um relaxamento coletivo a fim de conseguir uma maior abertura por parte dos alunos. Finalizada a etapa da massagem, as bolsistas conduziram uma respiração coletiva de olhos fechados visando à sincronia e harmonia. Ao abrir os olhos todos foram finalmente instruídos da dinâmica do olhar, em que as únicas regras eram olhar nos olhos dos outros e permanecer em silêncio. Eles não precisam segurar as emoções e manter uma faceta de neutralidade, mas o importante é que mantivessem o silêncio e que o estranhamento do jogo era completamente normal e que também lidassem com ele. Aos poucos estudantes se acostumaram com o jogo, e com breves chamadas de atenção ao regramento, a prática aconteceu de forma plena. Seguindo a lógica de pensar a partir da experiência, foi perguntado quais as sensações sentidas por eles, recebendo enquanto devolutivas respostas referentes a vergonha e constrangimento, tanto de olhar quanto de serem observados, além de que tinha sido difícil apenas realizar a ação.

Os alunos bolsistas acolheram os comentários e pontuaram que eram sentimentos completamente normais, ainda que contraditórios quando partimos do pressuposto de que ainda que convivam quase todos os dias e dividam muitas horas no mesmo ambiente, predominou-se mais o retraimento que a familiaridade na maioria dos participantes. Mas que acima de tudo todos tinham se aberto a oportunidade de se respeitar e vivenciar aquele momento juntos.

Ainda no âmbito corporal das abordagens metodológicas, foi inserido também aspectos do Teatro Imagem de Augusto Boal⁶, teve-se como base as emoções e sentimentos humanos para que fossem representados corporal pelos estudantes, primeiro inicialmente um trabalho individual, para posteriormente construir as imagens em conjunto de grupos. Dado o tema da pesquisa, na criação em grupos realizada de forma simultânea, foram indicadas palavras como “segurança”, “preconceito” e “fragilidade”, de modo a perceber como essas palavras abstratas

⁶ Augusto Boal foi um dramaturgo, diretor de teatro e ensaísta brasileiro, conhecido por fundar o Teatro do Oprimido, metodologia que une o teatro e a ação social.

seriam refletidas por eles, demonstrando suas leituras de mundo no que diz respeito ao significado delas. Uma das representações de “segurança” foi dois meninos de braços cruzados em uma postura protetora, cada um em uma extremidade, ao lado de uma aluna no centro que por sua vez aparentava estar indefesa. Já em “preconceito”, em um grupo composto por três alunos, dois brancos e um negro, formaram uma imagem em que ambos os alunos brancos riam e apontavam para o colega negro que demonstrava estar triste e acuado com a situação.

Na última prática do dia separou-se os participantes da aula em 3 grupos de 3 estudantes cada, e lhes foi sorteado uma emoção com a qual deveriam criar uma imagem de maneira e escolhas autônomas, que seria vista pelos outros estudantes enquanto espectadores, e que deveriam interpretar a imagem assistida com o objetivo de identificar sobre qual emoção ela se tratava e o porquê. Duas, das três cenas realizadas, representaram situações de violência, sendo elas:

1. O primeiro grupo, que fez um aluno **ansioso** ao levar o exercício para ser avaliado pelo professor enquanto seu outro colega assiste.
2. O segundo grupo, que representou dois filhos que se escondem com **medo** de um pai que ameaça bate-los

Após a apresentação de cada grupo estabeleceu-se uma discussão com os discentes espectadores, que diante da imagem vigente, pontuaram seus pontos de vista sobre elas, também tendo sido escutado os alunos que representaram a imagem e suas motivações para escolher aquela imagem para representar a palavra sorteada. Foi pautado inclusive a implicitude da violência presente na imagem que representava a ansiedade, questionando as razões que levam os estudantes a sentirem sentimentos negativos em relação a alguns professores e as questões de aprovação ou desaprovação referente ao sucesso escolar.

Ainda no campo de compreender a ótica dos estudantes no que diz respeito a como se sentem com relação à escola, sendo o clima escolar um dos fatores fundamentais para compreender tanto a presença quanto frequência da violência nesse espaço, foi feito um questionário contendo quatro perguntas para o preenchimento livre e individual. As perguntas formuladas pelas bolsistas foram: Como você se sente em relação à escola? É segura? Você já se sentiu fragilizado? Você se sente bem com as professoras? Você se sente bem na sala de aula? As perguntas objetivavam sondar as dinâmicas mais basilares da vivência escolar, se os alunos enxergavam a instituição como um ambiente seguro e até mesmo o local onde está localizada, sendo essa segurança tanto concreta, de um ponto de vista físico, quanto psicológico, no que se refere a ocorrência de episódios que afetassem negativamente seu emocional. A sensação de

conforto também foi empregada para a própria sala de aula e suas perspectivas em relação aos colegas de classe, levando em consideração, também, as próprias professoras bolsistas, sendo possível também abranger os demais profissionais que lá trabalham e fazem parte do cotidiano do alunado. Foi esclarecido que os discentes poderiam escrever o tanto que lhes fosse confortável, sendo interessante que as respostas contivessem explicações para além de superficialidades como “sim” ou “não”.

No geral, acerca das respostas recolhidas de uma média de trinta alunos, a maioria deles relata se sentir bem com a escola, que ela fornece um espaço seguro e reconfortante, a mesma coisa referente a turma e seus colegas, com quem a maioria diz manter ótimas relações de amizade e parceria. Bons relacionamentos com os professores e com a coordenação também se fizeram presentes, com indicações de leves divergências, mas nada grave ou alarmante quanto à conduta dos profissionais. Contudo, mesmo que em minoria, alguns alunos explicitaram ter sim relações conturbadas com os colegas e que já passaram por situações que os fizeram se sentir vulneráveis. Vale deixar claro que as respostas, ainda que importantes e relevantes para os próximos procedimentos da pesquisa, além de um vislumbre concreto da posição dos sujeitos sobre o espaço que integram, não detinham esclarecimentos aprofundados.

1. Resultados e Discussão

Tendo em vista este artigo tratar-se de uma pesquisa em andamento, alguns fatores são apontados, mas não ainda no sentido de chegar a resultados que possam ser mensurados no momento.

Estes fatores dizem respeito às situações explícitas de violências, em suas variadas formas, que são presenciadas nos encontros com a turma. As experiências aqui relatadas refletem positivamente o efeito da Pedagogia do Teatro frente a abordagens de questões de humanização e da criação de diálogo e reflexão junto aos estudantes a partir da vivência no Teatro.

Os caminhos futuros vislumbrados seguem as ideias anteriormente estabelecidas, unindo as metodologias dos Jogos Teatrais, o Teatro do Oprimido e os fundamentos da Palhaçaria, contando com o repertório já carregado nos alunos bem como o compartilhado através de todo o percurso das aulas, desenrolando numa produção de cenas curtas, realizadas a partir dos próximos encontros, seguindo a lógica freireana de uma educação dialógica e transformadora.

[...] este saber não apenas precisa ser apreendido pelo docente e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1997, p.52).

A pedagogia a ser empreendida prima pela troca de aprendizagens mútuas entre as bolsistas e os estudantes, tomando posturas e ideais políticas que combatam os estigmas sociais, o ódio e a invisibilização dos sujeitos. Que o saber, a que se refere Freire, seja verdadeiramente vivenciado a partir da experiência estética exclusiva da Pedagogia do Teatro, propiciando momentos que confrontem pressupostos já estabelecidos entre esses jovens.

2. Considerações Finais

Na condição atual, o relato ela ainda não apresenta uma conclusão, mas possui um caminho traçado que advém de maneira ativa desde fevereiro, seguindo o plano pedagógico do PIBID Teatro em oportunizar a experimentação e autonomia em sala para os professores em formação com o desenvolvimento de práticas teatrais com estudantes.

O caminho escolhido a ser traçado pelas bolsistas, ainda que em desenvolvimento, já possibilitou vitórias pedagógicas dentro do contexto da sala de aula, mesmo em condições muitas vezes desfavoráveis para a prática teatral, como um número excedente de alunos, sendo dificultoso manejar exercícios práticos regendo 40 alunos simultaneamente, além das especialidades da instituição não serem as ideias para a realização das atividades empregadas. Ainda assim, é possível reconhecer enquanto vitória o engajamento e dedicação dos estudantes para com as aulas, o desenvolvimento e conhecimentos expandidos da linguagem teatral propiciados a partir desses encontros, bem como os momentos de discussão e reflexão vivenciados coletivamente.

Para finalizar, é importante ressaltar que a pesquisa está inserida em um recorte do cotidiano, e da vida em sua totalidade, dos estudantes. Ela se propõe em ser transformadora no sentido de provocar e tocar os estudantes reconhecendo que são questões urgentes de serem abordadas de um ponto de vista social e político.

A transformação da realidade é uma construção social, está inserida em um tempo histórico, exige ação, demanda encontrar aliados para a luta, requer formação, precisa de condições materiais e políticas e, por isso, não se pode esperar que essa ocorra tão rapidamente como muitas vezes se deseja. Os critérios para aferir as mudanças do real não estão vinculados somente à substantivação das ações realizadas pelos sujeitos envolvidos no processo, mas, também, às alterações das compreensões desses sujeitos sobre a realidade e às dinâmicas de conformação das situações sociais, que influenciam e são influenciadas pelo contexto sociocultural-político mais amplo. (SAUL, 2017, p. 434)

Ou seja, empregar práticas e utilizar o espaço da escola, e da educação como um todo, para pautar e discutir as violências sociais é sim de extrema importância, podendo resultar em mudanças efetivas na vida dos sujeitos participantes, porém deve ser compreendida como uma atividade que também depende de outras mobilizações e mudanças sociais, no sentido mais macro, para serem de fato efetivas.

3. Referências

ABROMAVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Caleidoscópio das Violências nas Escolas**. Brasília, DF: Oxfam, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **“Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas”**. Ministério da Educação: 2024. Disponível em: [BOLETIMdadosobreviolenciasnasescolas.pdf](#). Acesso em: 09 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KOUDELA, Ingrid; ALMEIDA JUNIOR, José. **Léxico de pedagogia do teatro**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SAUL; Alexandre, SAUL, Ana. A Metodologia da Investigação Temática: Elementos Político-Epistemológicos de uma Práxis de Pesquisa Crítico-Emancipatória. **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v.15, n.2, p. 429-454, 30 jun. 2017.

SOARES, Luiz. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. Centro de Apoio operacional das Promotorias da Justiça da Infância e Juventude. 01, mar. 2015. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Juventude+e+Viol%C3%Aancia+No+Brasil+Contempor%C3%A2neo+%28Luiz+Eduardo+Soares%29&btnG=#d=gs_qabs&t=1757900621424&u=%23p%3DJ9GTrypfm7EJ. Acesso em: 10 set. 2025.